

Economia ignora troca de ministros

CLAUDIA MORETZ-SOHN

O empresário José Mindlin, presidente da Metal Leve, costuma dizer que, se os Estados Unidos ou a Inglaterra trocassem tanto de ministro da Fazenda como o Brasil, viveriam um trauma semelhante ao provocado por um terremoto. Aqui, porém, essas mudanças praticamente não provocam abalo. Na quinta-feira, dia seguinte à saída de Eliseu Resende e véspera da posse de Fernando Henrique Cardoso, o dólar não disparou — teve alta de apenas 1,39% em relação à véspera — nem as bolsas de valores despencaram, e os empresários mantiveram a calma.

Mindlin, cuja empresa fabrica peças para motores e faturou US\$ 300 milhões em 1992, não alterou um centímetro de seus planos para 1993, que prevêem um investimento de US\$ 20 milhões em modernização e racionalização da produção. Ele acompanhou sem alarme as notícias sobre a terceira troca de ministro da Fazenda na gestão Itamar Franco. Agora, torce para que Fernando Henrique use sua experiência política para promover uma ampla reforma fiscal e controle rigidamente os gastos do Governo.

— Essas mudanças não alteram o dia-a-dia das empresas. O Brasil é um país sem lógica, mas funciona — filosofa.

Para o diretor-superintendente da Xerox, Carlos Salles, essas trocas constantes de ministro não são problema. A questão, segundo ele, é que cada mudança significa a substituição de um



Carlos Salles: o que causa pânico são os choques

staff de milhares de cargos, o que torna caótica a administração pública. Mais do que essa avalanche de nomeações, o que causa pânico nos empresários são os choques. Salles lembra que em sete anos o país teve seis planos mirabolantes “que não deram em nada”.

— Se choque resolvesse alguma coisa, não haveria país miserável no mundo. Era só aumentar salários e congelar preços

para Moçambique virar uma nação rica.

Como hoje a adoção de choques é uma possibilidade remota, os empresários estão mais preocupados com seus negócios do que com as ações do Governo. Para sobreviver num ambiente de recessão e inflação acima de 20% ao mês desde outubro de 1991, as companhias têm procurado reinvestir recursos próprios — evitando tomar emprés-



José Mindlin: no Primeiro Mundo, seria um terremoto

timos — cortar despesas desnecessárias e exportar. A Inducon, fabricante de equipamentos eletromecânicos, já obtém 25% de seu faturamento de US\$ 25 milhões com exportações. Até o ano que vem, qualquer que seja o ministro da Fazenda, espera elevar esse índice para 40%.

— Queremos nos garantir contra as turbulências internas — diz Eduardo Naufal, sócio e diretor financeiro.

Editoria de Arte

O Governo Itamar x as teses do PSDB

AJUSTE FISCAL

Aqui ocorre o grande embate entre o PSDB e o Governo Itamar Franco. Para conseguir apoio no Congresso, o Governo precisa distribuir recursos, atendendo aos pedidos de seus aliados políticos. Isso obriga a União a abrir seus cofres e vai provocar um rombo no Orçamento de US\$ 13,2 bilhões neste ano. Já o PSDB apóia uma política fiscal austera, com corte de despesas, para acabar com o déficit público.

DÍVIDA EXTERNA

O tratamento dado à questão da dívida externa atualmente está dentro dos pressupostos defendidos pelo partido.

PRIVATIZAÇÃO

Outra questão em que a tese defendida pelo PSDB encontra paralelo na política econômica do Governo Itamar Franco: as duas partes defendem uma aceleração do processo de venda das estatais.

ABERTURA COMERCIAL

Intensificação da política de abertura comercial - que precisa ser feita de forma seletiva - também é tese defendida pelos dois lados.

POLÍTICA DE RENDAS

No PSDB, há economistas contrários a qualquer intervenção do Governo nas regras sobre preços e salários - posição mantida pela gestão Itamar Franco - mas há outros que acham que instrumentos como estes podem ser usados.